

TURANDOT

Ópera em 3 Atos

Música de GIACOMO PUCCINI

Libreto de Giuseppe Adami e Renato Simoni

Último dueto e finale da ópera concluídos por Franco Alfano

Baseada no drama homônimo de Carlo Gozzi

Estreada no La Scala, Milão, em 25 de abril de 1926

Gravada na Ópera de Roma, Itália

Produzida por Richard Mohr

Engenheiro de Gravação: Lewis Layton

(LM - 6149)



A VOZ DO DONO

CMP 1.2.4.5

丸見丸ID丸

(LM-6149)

ELENCO

PRINCESA TURANDOT Birgit Nilsson, soprano
LIÜ, jovem escrava Renata Tebaldi, soprano
TIMUR, o Rei Tártaro destronado Giorgio Tozzi, baixo
CALAF, seu filho (O Príncipe Desconhecido) Jussi Bjoerling, tenor
IMPERADOR ALTOUM Alessio De Paolis, tenor
PING, o Grande Chanceler Mario Sereni, barítono
PANG, o Provedor Geral Piero De Palma*, tenor
PONG, o Cozinheiro Chefe Tommaso Frascati, tenor
UM MANDARIM Leonardo Monreale, baixo
PRÍNCIPE DA PÉRSIA Adelio Zagonara, barítono
AIAS DE TURANDOT Ana di Stasio, soprano
AIAS DE TURANDOT Nelly Pucci, soprano
AIAS DE TURANDOT Myriam Funari, soprano

(Guardas Imperiais — Carrasco e seus Acólitos — Crianças — Sacerdotes — Madanrins)

Dignitários — Os Oito Sábios — Criados — Soldados

Porta-estandartes — Músicos — Sombras dos Mortos — A Multidão

Em Pequim, em tempos lendários

Orquestra e Côro da Ópera de Roma — Erich Leinsdorf,* Regente

Luigi Ricci e Ugo Catania, Regentes Auxiliares — Giuseppe Conca, Mestre de Côro

* Cortesia dos Discos Capitol

SÔBRE OS ARTISTAS PRINCIPAIS

BIRGIT NILSSON realizou uma das mais empolgantes estréias de que se tem notícia na história da ópera, quando apareceu pela primeira vez no Metropolitan Ópera, em dezembro de 1959, para fazer o papel de Isolda na obra-prima de Wagner. A estréia própria dita dêste soprano sueco verificou-se na Ópera Real de Estocolmo, e Birgit lançou-se pela primeira vez no cenário operístico internacional durante o Festival Glyndebourne em 1951. A partir de então vem-se exibindo nos maiores teatros de ópera do mundo. Seu repertório inclui papéis tão variados como Isolda e Salomé, Brünnhilde e Donna Anna, a Marechala e Turandot, Senta e a Leonora de *Fidêlto*, Lady Macbeth e Elsa.

RENATA TEBALDI, uma das mais festejadas primeiras estrêlas do Metropolitan, estreou em Rovigo, Itália, em 1944 no papel de Elena, em *Mefistófeles*. O ponto decisivo de sua carreira, entretanto, surgiu em 1946, quando foi contratada por Arturo Toscanini para a inauguração do restaurado La Scala. Sua fama logo se espalhou por tôda a Europa e Américas, estreando nos Estados Unidos em 1950, na Ópera de San Francisco. Seu primeiro aparecimento no Metropolitan ocorreu em 1955, no papel de Desdemona, em *Otello*. Aquela noite recebeu ela estrondosa ovação, da crítica e do público em geral. Essas palmas têm-se repetido como tributo a seus desempenhos nos papéis de Aida, Tosca, Mimi e Violetta.

JUSSI BJOERLING, tenor de fama internacional, estreou na Ópera Real de Estocolmo, após o que seguiu-se êxito mundial, com ofertas das principais casas de ópera européias. Desde seu primeiro aparecimento no Metropolitan — como Rodolfo em *A Boêmia*

que vem sendo ali aplaudido por suas atuações nos principais papéis para tenor lírico, tornando-se particularmente identificado com os de Rodolfo, Duque de Mantua (*Rigoletto*), Turiddu (*Cavallaria Rusticana*), Cavaradossi (*Tosca*), Des Grieux (*Manon Lescaut*), Ricardo (*Um Baile de Máscaras*) e o papel titular de *Fausto*.

GIORGIO TOZZI fêz sua estréia no Metropolitan durante a temporada de 1955-56 daquele teatro, e a partir de então tem-se destacado como astro de primeira grandeza em papéis centrais para baixo. Os criticos lhe têm elogiado o talento dramático bem como a magnífica voz numa infinidade de papéis, inclusive os de Figaro (*Bôdas de Figaro*), Don Basilio (*O Barbeiro de Sevilha*), Sarastro (*A Flauta Mágica*), Banquo (*Macbeth*), Arkêl (*Pelleas e Melisande*), Colline (*A Boêmia*), Ramfis (*Aida*), o Velho Médico (*Vanessa*) e Fiesco (*Simon Boccanegra*). Giorgio Tozzi também, já apareceu, com igual sucesso, na Ópera de San Francisco e no Festival de Salzburgo.

ERICH LEINSDORF acha-se ligado ao Metropolitan Ópera tanto como regente quanto como consultor musical. Fêz sua estréia ali regendo *A Valquíria*, e ali permaneceu como regente principal da ala germânica. Subseqüentemente foi nomeado regente da Orquestra Sinfônica de Cleveland e diretor musical da Filarmônica de Rochester. Em 1955 foi nomeado diretor da Ópera da Cidade de Nova York, pôsto que êle deixou a fim de retornar ao Metropolitan. Tem-se apresentado igualmente como regente convidado junto à Ópera de San Francisco e à Ópera Estadual de Viena, bem como importantes orquestras sinfônicas dos Estados Unidos e Europa.

TURANDOT

ATO I

Estamos em Pequim, * em tempos fabulares. Diante da muralha que circunda a cidade ergue-se enorme multidão, silenciosa e circunspecta. Os raios do sol poente iluminam o palco. À direita vemos um grande gongo de bronze suspenso; sua finalidade é assinalar a chegada de qualquer pretendente que deseje acesso ao palácio de Turandot. Aqui e ali na parede vemos longos bastões encimados pelas cabeças de alguns infelizes pretendentes à sua mão, horripilantes lembretes da crueldade da Princesa. Puccini estabelece o temperamento de horror num anúncio orquestral — curto demais para se chamar prelúdio — de onze compassos, acrescentando à sua habitual orquestra instrumentos exóticos tais como o gongo e o xilofone.

Aparece um arauto, que, em tom hierático, recita uma fórmula com a qual a multidão já deve estar bastante familiarizada: Turandot tornar-se-á noiva de um príncipe de sangue real, sob a condição de que resolva três quebra-cabeças que ela lhe submeterá. Se falhar, deverá perder a vida. O último que se aventurou foi o Príncipe da Pérsia. Falhou e morrerá hoje ao despontar da lua.

Fustigada por êste anúncio, a turba, frenética, investe e brada pelo carrasco. Mais sangue é o que eles querem, pelo que anseiam. Fazem menção de invadir o palácio. Os guardas os contêm com seus chicotes. Tudo é maldade, tirania, um pandemônio. Puccini nos oferece a cena com mestria: mergulha-nos numa atmosfera fétida e febril.

Em meio à confusão, da turba faz-se ouvir a voz de uma jovem. Seu companheiro, um ancião, foi derrubado ao chão. Ela grita por socorro. Um rapaz corre em seu auxílio, curva-se sobre o velho e nele reconhece o pai. Solta berros de alegria: encontrou-o após tão longa separação, após tanto sofrimento. Bendito seja êsse sofrimento, desde que o mesmo os levou a encontrar-se mais uma vez. Tanto o pai como o filho são fugitivos de sua pátria, que, vencidos por um usurpador a seu trono, foram expulsos. O paradeiro de ambos deve permanecer desconhecido, suas identidades um segredo. O Príncipe Desconhecido insiste junto ao pai, Timur, que não o chame de "Filho", pois alguém poderá ouvi-los acidentalmente. Existe perigo em toda parte. Mas como Timur atingiu Pequim? O Velho rei relata que teria perecido se a pequenina Liù não

houvesse fugido com êle, enxugado suas lágrimas, mendigado pão para êle, cuidado de suas necessidades, e sido sua constante companheira.

— Quem és tu, Liù? — pergunta o Príncipe, atônito.

— Não sou nada — responde ela, — uma escrava.

— Por que, então, carregou tão enorme fardo?

— Porque — replica, numa frase que, em sua doçura melódica, trai o amor do compositor pela personagem — um dia no palácio vós sorristes para mim.

A turba voltou a se juntar. À medida que o céu escurece e a noite se aproxima, aumenta a fúria daquela gente. As mulheres bramam:

—Amolai o facão!

O grito é captado pelo resto do côro. Uma dúzia de ajudantes do carrasco entoam uma frase selvagem e rítmica, que constitui um dos motivos centrais da ópera, com as palavras de "Onde reina Turandot". Todo o côro se encaminha para um formidando clímax com a orquestra em péso suplementada por gongos chineses, trompetes e trombones no palco, e culminando numa portentosa manifestação em uníssono. De repente o temperamento se altera. Um silêncio desce sobre a massa. Surge a lua. O povo apostrofa, seu rosto pálido, esta cabeça sem membros, êste planeta silencioso, esta senhora dos mortos. As cordas brilham debilmente qual o luar banhando um túmulo, enquanto as madeiras perversamente deslizam através da tessitura musical. O ouvinte é lembrado de certos momentos em *Salomé*, onde, também, a lua aparece como símbolo. Porém nem mesmo Strauss brindanos com fantasia mais estranha do que êste côro magistralmente concebido.

Ao longe ouvimos um melancólico cântico. É entoado por um cortejo de meninos e

* Desde as viagens de Marco Polo que a China vem exercendo especial atração nos italianos. Por volta da época em que Gozzi escreveu sua peça, Tiepolo pintou em Vicenza uma série de afrescos sobre temas chineses. Tais quadros, extraordinariamente belos, podiam ser utilizados como esboços de indumentária e cenários para uma apresentação de Turandot.

acompanhado por — curioso! — dois saxofones nos bastidores. A melodia é de autêntica origem chinesa, uma das várias melodias chinesas que Puccini utilizou. Agora o palco está banhado em prata. Sob esta lua, tem início a procissão fúnebre, encabeçada pelos ajudantes do carrasco, seguindo-se os sacerdotes e os mandarins. Em último lugar aparece o Príncipe da Pérsia, jovem e belo, perdido em sonho, alheio à multidão que o cerca. À vista da vítima, a sede de sangue do povo se transforma em piedade. Numa reviravolta de sentimento tão momentâneo como só a multidão num palco pode exibir, essa gente pede agora misericórdia para o jovem condenado à morte, dirigindo-se à invisível Turandot. O Príncipe Desconhecido — êle, igualmente, está pesaroso — exclama:

— Oh! Quem dera vê-la, só para amaldiçoá-la!

Mais uma vez a cena, que pertence quase inteiramente ao côro, ascende a um climax, o pedido de misericórdia aumentado de força, quando subitamente a própria Turandot surge na sacada imperial. O frio luar produz efeitos em seu rosto. A multidão se prostra. Apenas o Príncipe da Pérsia, o Príncipe Desconhecido e o carrasco permanecem de pé. Ante a beleza de Turandot, o Príncipe Desconhecido cobriu os olhos deslumbrados.

Silenciosamente Turandot ergue a mão num gesto imperioso. É um gesto que todos compreendem: a condenação final. O cortejo prossegue. E o Príncipe Desconhecido, um tanto alheio, canta (numa frase estranha, quase atonal) sobre a divina beleza, o milagre da aparição que acaba de contemplar. Mesmo por um instante o horror transformou-se em amor!

Só a visão de Turandot foi o bastante para enfeitiçar o Príncipe. Por enquanto só olhou para ela, ainda não ouviu sua voz. Está mergulhado no fascínio de Turandot. Mal ouve as insistentes súplicas do pai para que fuja imediatamente. O Príncipe grita por Turandot três vezes no momento exato em que, nos bastidores, o Príncipe da Pérsia repete os gritos e morre. Êste *memento mori* passa despercebido. O novo pretendente já se decidiu; imediatamente corre em direção do enorme gongo.

Neste instante três figuras saltam à sua frente e lhe barram o caminho. São os três histriões, Ping, Pang e Pong. Com sua entrada, a música muda de caráter e se torna rítmica e jocosa, como acenta aos três. Aconselham ao Príncipe que retorne ao lugar de onde veio, onde quer que êsse fique, e se desear bancar o estúpido, que a faça em seu pró-

prio domínio; ali poderá perder a cabeça se quiser. Mas não aqui, não aqui em Pequim, onde já existem bobos em demasia.

— Deixai-me passar! — exclama o Príncipe com veemência.

— Passar? Para que? Uma Princesa? O que, afinal de contas, é ela? Simplesmente uma mulher com uma coroa na cabeça. Tire ela a roupa e aparecerá como uma coisa de carne e osso, como o são tôdas as outras mulheres. Ele poderá uma centena de candidatas encontrar para o seu amor, bem equivalentes a Turandot que, afinal, só tem um rosto, dois braços e duas pernas.

Sua sardônica eloquência é interrompida por vozes que flutuam em baixo da balaustrada do palácio. As aias de Turandot ordenam silêncio a todos, pois é hora em que Turandot busca repouso. Porém isso não tem importância, nem para os três cortesões nem para o Príncipe, ainda mergulhado em êxtase. (Esta pequena cena é expressa num *andante lento* para o qual Puccini compõe harmonias "avançadas" de grande beleza). Os três renovam seu ruidoso debate: Êle não poderá sair vencedor, dizem; os enigmas de Turandot são insolúveis, perfeitamente insolúveis.

Em contrapartida a tal advertência, o Príncipe ouve, lá na distância e na escuridão, as vozes dos pretendentes mortos, que rogam ao pretendente vivo que tente a prova. Nós ainda a amamos, cantam as fantasmagóricas vozes.* O Príncipe protesta que êle, só êle, é quem de fato ama a Princesa. Os infatigáveis três experimentam mais um argumento: Não existe nenhuma Turandot. Ela, Deus, o homem, o povo e seus governantes, todos são ilusão. Quem quereria arriscar a realidade por uma ilusão? Igualmente falhando êste rago de filosofia, apontam para o bastião onde aparece o carrasco para mostrar a cabeça decapada do Príncipe da Pérsia. Mesmo assim o branco luar beijará o rosto do Príncipe Desconhecido.

Não tendo Ping, Pang e Pong obtido nenhum resultado, cabe agora ao pai chamar o filho à realidade. Liù também suplica, na ária "*Signore ascolta*". Timidamente aproxima-se do Príncipe e entre lágrimas diz-lhe que em toda parte por onde andou a imagem dêle sempre esteve à sua frente, encorajando-a, incentivando-a com "a sombra de um sorriso". Se êle agora morrer, tanto ela como Timur pere-

Exceto em sua primeira ópera, *Le Villi*, Puccini não apresentou motivos sobrenaturais em nenhuma de suas obras. Significa alguma coisa o fato de ter assim procedido em sua última ópera ou isso não passa de simples coincidência?

cerão na estrada do exílio. É uma empolgan-
te ária e apenas Liù consegue fazer-se ouvir
pelo Príncipe. Responde-lhe em tom suave:

— Não chores, Liù! Suplico-te, não aban-
dones meu pai.

Tendo falhado todos os esforços indivi-
duais, os suplicantes agora unem suas vozes
numa dissuasão coletiva. Isto constitui o fi-
nale do ato, um movimento de amplo escopo,
um crescendo musical de grande intensidade.
O finale, como aliás o plano de todo o pri-
meiro ato, prova quão seriamente Puccini acei-
tou seu próprio desafio de compor mais que
“musiquinha”. Testemunha “o consumado po-
der de organização alcançado por Puccini em
seu último período” (Mosco Carner). Mais uma
vez o gongo cintila ao luar e exerce no Prín-
cipe seu fascínio. Nada poderá detê-lo. Desven-
cilha-se dos três histriões que o detinham.
Três vezes pronuncia o nome de Turandot e,
segurando o martelo, três vezes atinge o gongo.
Ping, Pang e Pong afastam-se, rindo. O pano
baixa.

ATO II

Cena 1

Nada, absolutamente nada, acontece na
primeira cena do segundo ato. Nossos três
amigos da *comedia dell'arte* sentam-se em cir-
culo: refletem, especulam e confundem-se. A
cena se passa num pavilhão formado por uma
enorme cortina que é curiosamente decorada
de símbolos chineses e figuras fantásticas. Há
três portas, uma no meio e uma em cada lado.
Ping enfia a cabeça pela porta do centro e
chama os dois companheiros. Entram. Três
criados os seguem, cada qual trazendo uma
lanterna colorida diferente, vermelha, verde
e amarela. Cerimoniosamente colocam as lan-
ternas na mesa e se retiram.

Os três histriões ficam a sós a fim de con-
versar sobre o mais recente pretendente. A
empresaria terminará ou num funeral ou num
noivado, estando eles preparados para assis-
tir a ambos. Têm prontas as lanternas ver-
melhas usadas numa festa, ou as brancas que
formam a tradicional decoração fúnebre. Com
igual facilidade poderão acompanhar o palan-
quim escarlate para o casal de noivos, ou o
majestoso ataúde. Incenso ou chá doce —
prepararam ambos. Tudo isto eles expressam
numa cantilena rítmica, como se não nutris-
sem nenhum sentimento, nem para um lado
nem para outro e não passassem de instru-
mentos de tradição.

Eis que então se põem a refletir sobre a
China, a terra que amam, a velha China, que

durante setenta mil séculos vinha dormindo
tranqüilamente. Até — até nascer Turandot.
Então começou o rolar de cabeças decepadas,
então aconteceu a tragédia. Consultando al-
guns rolos de papiro que jazem sobre a mesa,
lêem em voz alta o catálogo da morte. No ano
do Camondongo seis pretendentes morreram.
No ano do Cachorro oito foram executados.
No terrível ano do Tigre treze terão perecido,
inclusive o Príncipe Desconhecido. E assim
por diante* até que agora os três se mostram
enfasiados de toda aquela trabalhadora, de todo
o horror, até que agora outra coisa não se tor-
naram senão os “ministros do carrasco”.

Ping fita a distância vagamente. Um sor-
riso nostálgico brinca em seus lábios à medida
que ele recorda a casinha que possui no Lago
de Honan. O lago é azul, a casa é cercada por
bambus e dentro dela existe uma coleção de
livros sagrados. Como anseia por regressar
a ela! Como anseia por reaver a tranqüilida-
de perdida! Os outros, da mesma forma, son-
ham com lugares distantes. Porisso possui flo-
restas perto de Tsiang, Pang pensa em seu
jardim em Kiù. Será que eles voltarão a ver
aquelas belezas? Não parece provável, pois
aqui estão eles, em Pequim, em meio a um
mundo povoado de tolos apaixonados. Toda esta
parte, um *andantino* nosso, é esquisita e é en-
cerrada por um poslúdio tipicamente pucci-
niano na orquestra, quando os três retornam
a nova enumeração dos crimes de Turandot.
Nada mais que sangue e frenesi existem no
mundo. O amor deve findar, cantam em unis-
sono; a humanidade deve desaparecer. Até
a China desaparecerá. Que bom se chegasse
o dia em que pudessem receber a tarefa de
prepararem o leito nupcial de Turandot, de
acompanharem noiva e noivo com lanternas
e de cantarem no jardim até o dia amanhe-
cer! Os três se põem a cantar uma áriazinha
que se adapta à imaginária festa nupcial.

De tais ociosas especulações, deste sonho
com um mundo melhor, são eles despertados
pelo som de trompetes, trombones e tambor-
es de dentro do palácio. Ouvem, também,
o vozerio do povo, que agora se reúne para
a nova competição. Ping se levanta abrupta-
mente e lembra aos outros a sua obrigação.
Os criados removem as lanternas e os três
histriões, pesarosos, saem para se juntar aos
outros no palácio.

CENA 2

A segunda cena se desenrola na ampla
praça diante do palácio. No centro, uma
enorme escadaria de mármore se estende até
o alto. Oito filósofos de grande estatura, ve-

* Na peça de Gozzi houve noventa e nove vi-
timas.

lhos e de ar circunspecto, sobem ao tópo da
escadaria, trazendo pergaminhos lacrados que
contêm as soluções para os últimos enigmas
de Turandot. Vários ministros e altos funcio-
nários se movem pressurosamente. A multi-
dão se aglomera rapidamente, em meio da
qual acham-se Ping, Pong e Pang, agora tra-
jando mantos amarelos, dignos do aconteci-
mento. Entre as nuvens de incenso avistam-
se os estandartes em preto e amarelo do Im-
perador. O Príncipe Desconhecido está de
pé, a um lado da escadaria. No outro lado
Timur e Liù parecem quase perdidos na mul-
tidão. Todo este tempo a orquestra executa
uma marcha cerimonial que atinge um clímax
quando as nuvens de incenso se esvaem e o
Imperador Altoum se torna visível, sentado
em seu trono de marfim no ponto mais alto
da escadaria. O Imperador é todo branco,
muito velho, e parece um deus descendo das
nuvens. A multidão se prostra e o saúda com
um hino: “Que vivais dez mil anos!” Em
seguida tudo é silêncio. Com uma voz alta,
descolorida pela extrema idade, o Imperador
se dirige ao forasteiro. Suas palavras quase
não são acompanhadas pela orquestra, toda-
via não temos dificuldade em ouvi-las. Um
atroz juramento o prende à vontade de Tu-
randot. Seu cetro está respingante de san-
gue. Chega de sangue! Jovem herói, desiste!

O Príncipe, com voz firme, exige que a
prova tenha comêço. Por três vezes o Im-
perador tenta dissuadi-lo, e por três vezes o
Príncipe insiste. Então, que assim seja! Este
forasteiro que parece tão determinado a mor-
rer deve cumprir seu destino.

Neste instante o povo se alvoroça. As
aias de Turandot aparecem para esparzir flô-
res sobre os degraus. O hino continua. O
arauto repete a fórmula que já ouvimos no
comêço do primeiro ato. O côro de crianças
à distância entoam mais uma vez a canção em
louvor de Turandot. E finalmente surge Tu-
randot, inteiramente vestida de ouro. Avança
para o trono. Com um olhar de gelo examina
a figura de seu mais recente pretendente e
em seguida começa a dirigir-lhe a palavra.
E' a primeira vez que ouvimos sua voz, e a
apóstrofe constitui uma espécie de justifica-
tiva para o seu édito (“*In questa Reggia*”).

Neste mesmo palácio mil vezes há mil
anos atrás viveu a Princesa Lo-u-Ling. A prin-
cesinha vivia em alegria e serenidade até que
uma noite os bárbaros invadiram a China e
a conquistaram. Um homem — “Um homem
tal como tu, forasteiro” — apossou-se de Lo-
u-Ling e a carregou. Em vão gritou a prin-
cesa naquela terrível noite de atrocidades.
Em vão! Seu grito e sua morte ressoam para
sempre na cabeça de Turandot. Aquêlo grito

plantou-lhe na mente — diz ela, ao acompa-
nhamento de um dos grandes temas da obra
— a inquebrantável determinação de vingança.
Nenhum homem haverá de possuir Turan-
dot. Seu ódio parece intensificar-se com suas
próprias palavras. Seu canto ascende amea-
çadoramente. Mais uma vez volta-se para o
Príncipe e conclui sua canção com a já co-
nhecida frase. “Forasteiro, não tentes o des-
tino. Os enigmas são três, a Morte é só uma”.
Ao que o Príncipe retruca, “Não! Os enigmas
são três, a Vida é só uma”, repetindo a me-
lodia da Princesa, em tom superior na es-
cala. Ainda mais alto, os dois repetem, jun-
tos, a frase.

Os trompetes impõem silêncio e Turandot
dá início ao questionário dos enigmas. *

O que é, o que é, que aparece como fan-
tasma à noite, que flutua sobre a humanidade
na escuridão, que o mundo inteiro invoca, mas
que desaparece ao romper do dia, e que de no-
vo nasce no coração? Nasce tôdas as noites e
morre todos os dias. Imediatamente o Prín-
cipe replica:

— Sim, nasce novamente, nasce exultan-
tamente e traz vida consigo. E' a Esperança!

Os oito sábios violam os rolos de papiro
e confirmam a exatidão da resposta. Turandot
também, trêmula de contida fúria, deve re-
conhecer o fato:

— E' esperança; todavia, a esperança en-
gana.

Nervosamente, ela desce até o patamar no
centro da escadaria. Dalí propõe o segundo
enigma.

O que é, o que é, que brilha como uma
chama e não é fogo? Ora queima como febre,
ora se esfria em lânguido repouso. Torna-se
frio quando a vida é perdida e arde quando
a vitória é conquistada. E' silencioso, em-
bora tenha uma voz que se ouve... A res-
posta não ocorre imediatamente ao Príncipe.
O Imperador e a multidão o incentivam. Da
turba se levanta a voz de Liù:

— Respondei pelo amor do amor!

Ele responde, pelo amor do amor. A mis-
teriosa substância de que fala Turandot —
é Sangue.

“Sangue” é, crocitam os sábios. O po-
vo exprime sua satisfação — mas Turandot
logo sufoca tais manifestações. Agora assume
posição no último plano, frente a frente do
Príncipe que, dominado pela visão, ajoelha-se.

Curvando-se sobre êle, Turandot lança-lhe
seu último enigma.

* Os enigmas são aqui apresentados em tra-
dução livre.

— O que é, o que é, que parece gelo mas queima? Que ao libertar uma pessoa a aprisiona, e que a aprisionando torna-a rei?

O Príncipe deixa de respirar, enquanto um gemido de incerteza se faz ouvir na orquestra. Turandot sorri triunfantemente.

— O medo te derrotou. Estás perdido!

À medida que as cordas na orquestra aumentam de intensidade, ela repete:

— Que gelo é esse que gera fogo?

Segue-se um silêncio de morte, um daqueles típicos silêncios puccinianos que se tornam mais dramáticos pela repetição sonora, os gemidos da orquestra. Então, de repente — de repente o Príncipe se levanta. A resposta lhe ocorreu. Está agora certo de sua vitória. O gelo que queima — é Turandot. Pela terceira vez os anciãos violam os papiros e anuem, enquanto o povo se entrega a uma ruidosa manifestação de júbilo.

Turandot recusa a aceitar a derrota. Ape-la para o genitor que não jogue a filha nos braços de um forasteiro. Mas o Imperador mantém o juramento. Não obstante, Turandot conserva-se irredutível: nem êle nem nenhum outro homem haverá de possuí-la. Será possível que êle a deseje contra sua própria vontade, que a tome à força, uma trêmula e retitante mulher?

Não — êle só a deseja como uma mulher acessível, amorosa. E' o próprio Príncipe que lhe dá uma segunda oportunidade. Ela propusera três enigmas. Três vezes encontrou êle a resposta. Agora será êle quem proporá um enigma, só um. Se antes do romper do dia ela puder dizer como se chama êle, ficará desobrigada do compromisso e êle aceitará a derrota e a morte.

Turandot concorda, o Imperador e a multidão se juntam no canto de louvor a tão generoso vencedor, e o pano baixa.

ATO III

Cena 1

Encontramo-nos no grande jardim do palácio. Ainda é noite. A cena tem início dentro de um temperamento noturno. As harmonias da orquestra soam melancolicamente, e quando o pano sobe ouvimos as vozes de oito arautos proclamando a mais recente ordem: Ninguém deverá dormir esta noite. O nome do forasteiro precisa ser descoberto; senão todos morrerão. “*Nessum dorma!*” Ninguém deverá dormir em Pequim esta noite.

Esta frase, “*Nessum dorma!*”, é captada

pelo Príncipe, sozinho no palco, refletindo.* Turandot, como os outros, não dormirá esta noite; a sós e insona em seu quarto ela, ficará contemplando os astros. Ninguém revelará o nome dêle; só de seus lábios ficará ela sabendo esse nome, ao romper do dia. O beijo dêle derreterá o silêncio dela. Ao romper do dia êle se tornará vitorioso... Talvez seja esta a mais bela ária da partitura e uma das mais belas que Puccini atribuiu à voz de tenor.

O poslúdio orquestral serve de ponte para a cena seguinte. Na penumbra divisamos os contornos de várias figuras. Estas se mostram como sendo uma porção de cidadãos liderados por três cortesões. Como no primeiro ato, os três procuram dissuadir o Príncipe de sua intenção, e como no primeiro ato tentam vários expedientes. Novamente a música dá início a um temperamento de *scherzo* e nos transporta através de varios episódios.

Ping, Pang e Pong tentam o Príncipe. A morte ameaça a todos em Pequim. Tôda casa está em perigo. O que aceitará êle como recompensa? Amor? Com isto Ping o cerca de garôtas sedutoras. Como Parsifal, o Príncipe as repudia. Talvez êle prefira riqueza. Arcas de ouro e jóias lhe são trazidas à presença, porém a riqueza não lhe causa mais impressão do que lhe causaram as beldades. De maneira que os três cantam sobre a fama e a glória, que poderiam ser suas; de fato, êles poderão auxiliá-lo a conquistar impérios se apenas êle se dispuser a deixar Pequim.

As tentativas são inúteis. Mudando de estratégia, o trio agora surge com ameaças. Sabia o Príncipe de tôda a extensão da crueldade de Turandot, do que ela é capaz? Asseguram-lhe que êle não sabe, que a Princesa é infinitamente astuta, e que a China é especialista em torturas fantásticas, desconhecidas do resto do mundo. A multidão, enlouquecida pelo medo, capta as ameaças. Porém o Príncipe retruca:

— As ameaças são tão inúteis quanto as tentações. Que o mundo se acabe! Quero Turandot.

Existe uma súbita comoção, e brados de “Descobrimos o nome!” se fazem ouvir nos

* As duas frases, “*Nessun dorma!*”, são cantadas uma oitava à parte, pianissimo! Isto causa muito desconforto entre os tenores italianos, embora um tenor sueco cante a ária com espontaneidade. A primeira gravação que Jussi Bjoerling fez da ária (em 1944) constitui um tesouro para os colecionadores.

bastidores. Os guardas arrastam Timur e Liù. Ignorando os protestos do Príncipe de que “êles nada sabem”, os três cortesões e os guardas chamam pela Princesa. Introduzida por seu motivo, proclamado pelos trombones e trompetes, Turandot aparece no umbral do pavilhão.

Curvando-se diante dela, o astuto Ping informa-a de que se alguém conhece o segrêdo, êstes dois o conhecem. Turandot volta-se com frio desdém para o Príncipe.

— Estás pálido, forasteiro.

Não, replica a Príncipe; é o temor dela própria que vê no rosto dêle na luz do dia que surge. Turandot ordena que Timur fale. Porém o ancião, amendrotado e sangrando, permanece calado. Os ministros estão presentes a agarrá-lo para torturá-lo quando Liù avança e declara que só ela sabe o nome do forasteiro.

— Sim, — afirma Liù, — só eu possuo a chave do segrêdo.

A turba exige que ela seja colocada na roda de tortura. O Príncipe se atira diante de Liù a fim de protegê-la. Turandot ordena que lhes sejam atadas as mãos e os pés.

Agora tem início a tortura de Liù, que é expressa musicalmente numa linguagem orquestral evocativa do segundo ato de *Tosca*. Finalmente, como *Tosca*, Liù não pode resistir mais.

— Soltem-na! — ordena Turandot. — Ela falará.

— Preferiria a morte — retruca a estenuada jovem.

E súbitamente algo no coração de Turandot parece abrandar. Pela primeira vez ela faz uma pergunta humana em tom humano.

— O que foi — pergunta a Liù, — que te deu forças para sofreres assim?

— Amor, Princesa.

— Amor? — responde Turandot em tom de surpresa.

Um amor, confessa Liù, que é secreto, mudo, oferecido sem recompensa. Ela ordena que os guardas a amarrem e a torturem. Não importa quão terrível seja a dor, esta será apenas um último tributo ao amor que a môça sente.

Apenas por um instante Turandot fraquejou. Novamente se torna a verdadeira Turandot e ordena que os guardas arranquem da jovem o segrêdo, enquanto a turba grita pelo carrasco. Quando as figuras do carrasco e seus assistentes se esboçam, Liù mais uma vez se volta para Turandot e suplica que ela a ouça. Ocorre, então, sua maior ária (“*Tu che di gel sei cinta!*” — “Tu, que és feita de gelo”).

— Tu, que és feita de gelo, serás vencida pelo fogo. — profetiza Liù. — Tu o amarás como eu o amei. Antes de o sol levantar-se, terei fechado os olhos, de maneira que êle continuará vitorioso.

Assim dizendo, arrebatou um punhal do cinto de um dos guardas e enterra no coração. Verifica-se um espanto geral e surgem gritos de “Fala, fala! O nome! O nome!” Porém Liù está muda para sempre.

O ancião se curva e chora sua “pombinha”, enquanto Ping — novamente revelando uma faceta diferente de seu caráter — procura consolá-lo. O corpo de Liù é afastado, o velho acompanhando-o, enquanto corno e orquestra entoam um canto fúnebre, belo e impregnado de horror. “Dorme bem, Liù”, cantam êles, à medida que os acordes da marcha esmaecem.

As aias de Turandot cobriram-lhe o rosto com um véu branco; no transcorrer da última e terrível cena permaneceu ela de pé, rígida, qual uma estátua, sem um gesto, sem uma palavra. Agora ela e o Príncipe ficam a sós no palco.

“Foi aqui que Puccini largou a pena”.** Existem esboços para o início do dueto, porém o grosso do mesmo e a cena final foram compostos por Franco Alfano, contemporâneo de Puccini. Nenhum material novo foi empregado. Alfano encarou sua missão como um trabalho de amor, porém é impossível para outrem, não importa com que dedicação e simpatia, acabar o inacabado. O resto da ópera, portanto, não precisa nos deter por muito tempo.

* Note-se a semelhança de imagem do terceiro enigma, “gelo” e “fogo”.

** Estas palavras foram ditas por Arturo Toscanini na estréia de Turandot no La Scala, em 25 de abril de 1926. Deixou de reger e abandonou a apresentação antes de terminá-la. Foi provavelmente a primeira vez que Toscanini falou em público num teatro e a única vez que Turandot foi representada sem o final de Alfano.

O Príncipe rasga o véu do rosto de Turandot e a exorta a ser uma mulher. Mesmo assim, ela o repudia. Ela é filha dos céus, livre, intocada, e êle não deve profanar-lhe a alma. Em resposta êle a toma nos braços e a beija. O beijo sela o destino da Princesa. Ela, que é "feita de gelo" se funde no calor da feminilidade. Chora:

— A aurora chegou e o sol de Turandot se põe.

Confessa que o amou a primeira vez em que o viu; seu ódio era apenas a lembrança de todos aquêles que ela sacrificara. Porém ela também o odiou por seu orgulho: ela previu que êle estava destinado a conquistar. Agora que êle conquistou, pede-lhe que a abandone, levando consigo seu segredo. Não, retruca o Príncipe suavemente, não se trata mais de um enigma, de um mistério. Êle lhe dará seu nome e com êle sua vida: confiará sua vida à guarda de Turandot. E' Calaf, filho de Timur. Involuntariamente, a Princesa proclama:

— Sei o teu nome! Sei o teu nome!

Neste instante os trompetes soam o sinal de que a hora marcada chegou.

CENA 2

Após um breve interlúdio orquestral, o pano sobe sôbre o exterior do palácio.* O palco acha-se banhado pela luz avermelhada do crepúsculo. O Imperador, a côrte e o povo estão reunidos. Entram o Príncipe e Turandot. Ela sobe para o tôpo da escadaria e numa nova e estranha voz fala ao pai.

— Sei o nome do forasteiro — diz. — E' — Amor.

Calaf corre para ela, e com um côro final de alegria a ópera chega ao seu término.

* Em muitas apresentações da ópera o mesmo cenário é utilizado no Ato II, Cena 2. Na encenação primitiva no La Scala, o segundo ato é desempenhado no interior, a cena final fora do palácio.



ATO I

As muralhas da Cidade Imperial

Maciços bastiões se estendem por quase todo o comprimento do palco. Um enorme gongo de bronze pende de um pórtico esculpido. Estacas encimadas pelas cabeças decepadas de homens foram erguidas nos bastiões. E' crepúsculo. Uma pitoresca multidão chinesa enche a cena. Um MANDARIM lê uma proclamação.

MANDARIM

Popolo di Pekino!
La legge è questa: Turandot la Pura sposa sarà di chi, di sangue regio, spieghi i tre enigmi ch'ella proporrà. Ma chi affronta il cimento e vinto resta, porga alla scure la superba testa!

A MULTIDÃO

Ah! Ah!

MANDARIM

Il Principe di Persia
avversa ebbe fortuna:
al sorgere della luna,
per man del boia
muoia!

A MULTIDÃO

Muoia! Sì, muoia!
Noi vogliamo il carnefice!
Presto, presto! Muoia! Muoia!
Al supplizio! Muoia! Muoia!
Presto, presto, muoia!
Se non appari, noi ti sveglierem!
Pu-Tin-Pao, Pu-Tin-Pao!
Alla reggia! Alla reggia!
Alla reggia!

GUARDAS

Indietro, cani! Indietro, cani!

A MULTIDÃO

Oh, crudeli!...
...Pel cielo, fermi!

(Algumas das Mulheres)

O madre mia!

GUARDAS

Indietro, cani!

A MULTIDÃO

(Mulheres)

Ahi! I miei bimbi!
Crudeli! Oh, madre mia!
Oh, madre mia!

(Homens)

Crudeli! Per il cielo, fermi!
Fermi! Fermi!

GUARDAS

Indietro, cani!

LI Û

Il mio vecchio è caduto!

A MULTIDÃO

Crudeli! Siate umani!
Pel cielo, fermi! Crudeli!
Non fateci male!

GUARDAS

Indietro, cani!

LI Û

Chi m'aiuta,
chi m'aiuta a sorreggerlo?
Il mio vecchio è caduto...
Pietà! Pietà!

CALAF

Padre! Mio padre!

GUARDAS

Indietro!

CALAF

O padre, sì, ti ritrovo!

A MULTIDÃO

Crudeli!

CALAF

Guardami! Non è sogno!

A MULTIDÃO

Perchè ci battete? Ahimè! Pietà!

LI Û

Mio signore!

CALAF

Padre! Ascoltami! Padre! Son io!
E benedetto sia... E benedetto sia
il dolor per questa gioia che ci dona
un Dio pietoso!

TIMUR

O mio figlio! Tu! Vivo!

CALAF

Taci! Chi usurpò la tua corona
me cerca e te persegue.
Non c'è asilo per noi, padre, nel mondo!

TIMUR

T'ho cercato, mio figlio,
e t'ho creduto morto!

CALAF

T'ho pianto, padre...
e bacio queste mani sante.

TIMUR

O figlio ritrovato!

A MULTIDÃO

Ecco i servi del boia.
Muoia! Muoia! Muoia! Muoia!

TIMUR
Perduta la battaglia, vecchio re
senza regno e fuggente,
una voce sentii che mi diceva:
"Vien con me, sarò tua guida..."
Era Liù.

CALAF
Sia benedetta!

TIMUR
Ed io cadevo affranto,
e m'asciugava il pianto,
mendicava per me.

CALAF
Liù... chi sei?

LIÙ
Nulla sono... una schiava,
mio signore...

A MULTIDÃO
(dentro)
Gira la cote! Gira la cote!

CALAF
E perchè tanta angoscia hai diviso?

HOMENS
Gira la cote!

LIÙ
Perchè un dì...

MULHERES
Gira la cote!

LIÙ
...nella reggia, mi hai sorriso.

A MULTIDÃO
Gira la cote, gira, gira!
Gira, gira, gira!

AJUDANTES DO CARRASCO
Ungi, arrotta, che la lama
guizzi, sprizzi fuoco e sangue.
Il lavoro mai non langue,
mai non langue...

A MULTIDÃO
...mai non langue...

AJUDANTES DO CARRASCO
...dove regna Turandot.

A MULTIDÃO
...dove regna Turandot.

AJUDANTES DO CARRASCO
Ungi! Arrotta!
Fuoco e sangue!

HOMENS
Fuoco e sangue!

MULHERES
Dolci amanti, avanti, avanti!

HOMENS
O dolci amanti, avanti, avanti!

MULHERES
Dolci amanti...
...avanti, avanti!

AJUDANTES DO CARRASCO
Cogli uncini e coi coltelli...

HOMENS
Noi siam pronti a ricamar le vostri pelli!

A MULTIDÃO
Dolci amanti, avanti, avanti!

AJUDANTES DO CARRASCO
...siamo pronti a ricamar!

A MULTIDÃO
Chi quel gong percuoterà
apparire la vedrà...

AJUDANTES DO CARRASCO E HOMENS
...apparire la vedrà.
Bianca al pari della giada...

TODOS
...fredda come quella spada è la bella
Turandot!

MULHERES
Dolci amanti,
avanti, avanti!

AJUDANTES DO CARRASCO
Avanti, avanti!

A MULTIDÃO
Quando rangola il gong
gongola il boia!
Vano è l'amore se non c'è fortuna.

AJUDANTES DO CARRASCO
Quando rangola il gong gongola il
boia... Ungi, arrotta!

A MULTIDÃO
(Mulheres)

Gli enigmi sono tre, la morte è una!
La morte è una! Ungi, arrotta!

(Homens)

Gira, gira! Ungi, arrotta!

AJUDANTES DO CARRASCO
Quando rangola, etc.

A MULTIDÃO
Gli enigmi, etc.

AJUDANTES DO CARRASCO
Dolci amanti, etc.

A MULTIDÃO
(Mulheres)

Gli enigmi, etc.

(Homens)

Che la lama guizzi, sprizzi sangue...

(Todos)

Chi quel gong percuoterà?

AJUDANTES DO CARRASCO
Ungi... arrotta, che la
lama guizzi, sprizzi fuoco
e sangue! Ungi, arrotta,
arrotta!

A MULTIDÃO
Ungi, arrotta... sangue!
Sangue!

AJUDANTES DO CARRASCO
Il lavoro mai non langue...

A MULTIDÃO
Ungi, arrotta... sangue!

TODOS
...dove regna Turandot!...
Il lavoro mai non langue
dove regna Turandot!...

AJUDANTES DO CARRASCO
Morte! Morte! Morte! Morte!

A MULTIDÃO
Ah, ah!... Ah, ah!

TODOS
...dove regna Turandot!... Ah!

A MULTIDÃO
(Mulheres)
Perchè tarda la luna?

(Homens)
Faccia pallida!

(Mulheres)
Mostrati in cielo!

(Homens)
Presto, vieni!

(Mulheres)
Spunta!

(Homens)
O testa mozza!
O squallida!
Vieni!

(Mulheres)

Spunta!
(Homens)
Mostrati in cielo!

(Mulheres)
O testa mozza!
O esangue!

(Homens)

O esangue, o squallida!
O taciturna!

(Mulheres)
O amante smunta dei morti!

(Homens)
O taciturna,
...mostrati in cielo!

(Mulheres)
Come aspettano... il tuo funereo
lume i cimiteri!
O esangue, squallida!

(Homens)
O testa mozza!

(Mulheres)
Ecco laggiù un barlume!
Vieni, presto, spunta!

(Homens)
O testa mozza,
spunta!

(Mulheres)
Vieni!

(Homens)
O testa mozza, vieni!

(Mulheres)
Mostrati, o faccia pallida!

(Homens)
O faccia pallida!

(Mulheres)
O esangue, pallida!

(Homens)
Vieni, o amante smunta dei morti!

(Mulheres)
O amante...
...smunta dei morti!

(Homens)
Vieni, vieni, spunta!

TODOS
Ecco laggiù un barlume...
...dilaga in cielo...
...la sua luce smorta!
Pu-Tin-Pao! La lune è sorta!
Pu-Tin-Pao, etc.

MENINOS
Là sui monti dell'Est
la cicogna cantò.
Ma l'aprile non rifiorì,
ma la neve non sgelò.
Dal deserto al mar non odi tu
mille voci sospirar:
"Principessa, scendi a me!
Tutto fiorirà, tutto splenderà!"
Ah!

(Os AJUDANTES DO CARRASCO, MANDARINS e DIGNITÁRIOS avançam, seguidos pelo PRÍNCIPE DA PÉRSIA. E' um homem bonito, mais parece um menino, e está pálido, de modo que a fúria da multidão se transforma em piedade.)

A MULTIDÃO
(Mulheres)

O giovinotto! Grazia, grazia!
(Homens)
Com'è fermo il suo passo!
(Mulheres)
Grazia!
(Homens)
Com'è dolce, com'è dolce il suo volto!...
...Ha negli occhi l'ebbrezza! Pietà!

(Mulheres)
Com'è fermo il suo passo!
(Homens e Mulheres)
Ha negli occhi la gioia!
Pietà! Pietà!

CALAF
Ah! La grazia!

MULHERES
Pietà di lui!

HOMENS
Principessa!

MULHERES
Pietà!... di lui!

HOMENS E MULHERES
Pietà!

HOMENS
Principessa! Grazia! Grazia!
Pietà di lui! Pietà!

A MULTIDÃO
Pietà! Pietà!

CALAF
Ch'io ti veda
e ch'io ti maledica!
Crudele, ch'io ti maledica!

A MULTIDÃO
Principessa!

HOMENS
Pietà di lui!

A MULTIDÃO
Principessa!

HOMENS
Principessa, pietà!

A MULTIDÃO
Principessa!

HOMENS
Pietà di lui! Pietà di lui!

A MULTIDÃO
Pietà! Pietà!, etc.
La grazia, Principessa!, etc.
Principessa! La grazia! La grazia!

(TURANDOT aparece na galeria imperial; a multidão cai prostrada. Apenas ficam de pé o PRÍNCIPE DA PÉRSIA, o CARRASCO e CALAF).

CALAF
(deslumbrado por sua beleza)
O divina bellezza! O meraviglia!
O sogno!, etc.

(TURANDOT faz um gesto imperioso; é a sentença de morte. O PRÍNCIPE DA PÉRSIA, o CARRASCO e o cortejo acompanhante se movem. TURANDOT se retira).

SACERDOTES VESTIDOS DE BRANCO NO CORTEJO

O gran Koung-tzè!
Che lo spirito del morente
giunga fino a te!

(Suas vozes lentamente se perdem na distância. TIMUR, LIÛ e CALAF ficam a sós.)

L A D O 2

TIMUR
Figlio, che fai?

CALAF
(ainda deslumbrado pela beleza de TURANDOT)

Non senti? Il suo profumo
è nell'aria! è nell'anima!

TIMUR
Ti perdi!

CALAF
O divina bellezza, meraviglia!
Io soffro, padre, soffro!

TIMUR
No, no! Stringiti a me.
Liù, parlagli tu!
Qui salvezza non c'è!
Prendi nella tua mano la sua mano!

LIÛ
(a CALAF)
Signore, andiam lontano!

TIMUR
La vita c'è laggiù!

CALAF
Quest'è la vita, padre!

TIMUR
La vita c'è laggiù!

CALAF
Io soffro, padre, soffro!

TIMUR
Qui salvezza non c'è!

CALAF
La vita, padre, è qui!
(correndo para o gongo)
Turandot! Turandot! Turandot!

VOZ DO PRÍNCIPE DA PÉRSIA
Turandot!

A MULTIDÃO
Ah!

TIMUR
(insistindo com o filho)
Vuoi morire così?

CALAF
Vincere, padre, nella sua bellezza!

TIMUR
Vuoi finire così?

CALAF
Vincere gloriosamente
nella sua bellezza!

(Novamente corre para o gongo. PING, PONG e PANG, os ministros do Imperador, aparecem súbitamente e lhe barram o caminho.)

PING, PONG, PANG
Fermo! Che fai? T'arresta!
Chi sei, che fai,
che vuoi? Vá' via!
Va', la porta è questa
della gran beccheria!
Pazzo, va' via!

PING
Qui si strozza!

PONG, PANG
Si trivella!

PING
Si sgozza!

PONG, PANG
Si spella!

PING
Si uncina e scapitozza!

PONG, PANG
Va' via!

PING
Si sega e si sbudella!

PONG, PANG
Va' via!

PING
Sollecito, precipite...

PONG, PANG
Va' via!

PING, PONG, PANG
...al tuo paese torna...

PING
...in cerco d'uno stipite...

PONG, PANG
Che vuoi, chi sei?

PING
...per romperti le corna!

PONG, PANG
Va' via, va' via!

PING, PONG, PANG
Ma qui no!
Pazzo, va' via, va' via!

CALAF
Lasciatemi passare!

PONG
Qui tutti i cimiteri
sono occupati!

PANG
Qui bastano i pazzi indigeni!

PING
Non vogliam più pazzi forestieri!

PONG, PANG
O scappi, o il funeral
per te s'appressa!

CALAF
Lasciatemi passare!

PONG, PANG
Per una Principessa!

PONG
Peuh!

PANG
Peuh!

PONG
Che cos'è?

PANG
Una femmina colla corona in testa...

PONG
...e il manto colla frangia?

PING
Ma se la spogli nuda...

PONG
...è carne!

PANG
È carne cruda!

PING
È roba...

PING, PONG, PANG
...che non si mangia!

CALAF
Lasciatemi passare...

PING, PONG, PANG
Ah, ah, ah !Ah, ah, ah!

CALAF
...lasciatemi!

PING
Lascia le donne!

O prendi cento spose,
che, in fondo, la più sublime
Turandot del mondo
ha una faccia, due braccia,
e due gambe, sì, belle, imperiali,
sì, sì, belle, sì, ma sempre quelle!
Con cento mogli, o sciocco,
avrà gambe a ribocco,
duecento braccia,
e cento dolci petti.

PONG, PANG
Cento petti...

PING
...sparsi per cento letti...

PING, PONG, PANG
...per cento letti!
Ah, ah, ah! Ah, ah, ah, ah!

CALAF
Lasciatemi passar!

PING, PONG, PANG
Pazzo, va' via, va' via!

(Um grupo de môças aparece na galeria imperial.)

DAMAS DE TURANDOT

Silenzio, olà!
Laggiù chi parla?

PRIMEIRA DAMA
Silenzio!

SEGUNDA DAMA
Silenzio!

AMBAS
È l'ora dolcissima del...
...sonno.

OUTRAS DAMAS
Silenzio, silenzio, silenzio!

PRIMEIRA DAMA
Il sonno...
sfiora...

OUTRAS DAMAS
Il sonno sfiora...

SEGUNDA DAMA
sfiora gli occhi...

OUTRAS DAMAS
di Turandot.

PRIMEIRA E SEGUNDA DAMAS
Si profuma di Lei l'oscurità!

OUTRAS DAMAS
Si profuma di Lei l'oscurità!

PING
Via di là, femmine ciarliere!

PANG
Via di là!

PONG
Via di là!

PING
Via di là!

(As damas se retiram)

PING, PONG, PANG
Attenti al gong! Attenti al gong!

CALAF
Si profuma di Lei l'oscurità!

PANG
Guardalo, Pong!

PONG
Guardalo, Ping!

PING
Guardalo, Pang!

PANG
E insordito!

PONG
Intonito!

PING
Allucinato!

TIMUR
Più non li ascolta, ahimè!

PING, PONG, PANG
Su! Parliamogli in tre!

PANG
Notte senza lumicino...

PONG
...gola nero d'un camino...

PING
...son più chiare degli enigmi
di Turandot.

PANG
Ferro, bronzo, muro, roccia...

PONG
...l'ostinata tua capoccia...

PING
...son men duri degli enigmi
di Turandot!

PANG
Dunque va', saluta tutti!

PONG
Varca i monti, taglia i flutti!

PING
Sta alla larga dagli enigmi
di Turandot! Ha, ha!

PANG
He, He!

PONG
Ha, ha!

PING, PONG, PANG
Ha, ha!

(Os Fantasmas de Antigos Pretendentes, que morreram por amor a TURANDOT, aparecem nas muralhas.)

FANTASMAS
Non indugiare!
Se chiami, appare
quella che estinti
ci fa sognare.
Fa ch'ella parli!
Fa che l'udiamo!
Io l'amo! Io l'amo! Io l'amo!

CALAF
No, no, io solo l'amo!

PING, PONG, PANG
L'ami? Che cosa? Chi?
Turandot? Ah, ah, ah!
Turandot! Ah, ah!

PONG
O ragazzo demente!

PANG
Turandot non esiste!

PING
Non esiste che il niente
nel quale ti annulli!

PONG, PANG
Turandot non esiste, non esiste...

PING
Turandot! Come tutti
quei citrulli tuoi pari!
L'uomo! Il Dio! Io! I popoli!...
...I sovrani! ... Pu-Tin-Pao!...

PANG
Tu ti annulli come quei citrulli...

PONG
...come tutti...

PING
...Pu-Tin-Pao! Non esiste che il Tao!

PANG
...quei citrulli tuoi pari, tu ti annulli!

PONG
...quei citrulli tuoi pari; non esiste...
...che il Tao!

CALAF
A me il trionfo!
A me l'amore!

(Surge o CARRASCO, carregando a cabeça decepada do PRINCIPE DA PERSIA.)

PING, PONG, PANG
Stolto, ecco l'amore!
Così la luna bacerà il tuo volto!

TIMUR
O figlio, vuoi dunque ch'io solo,

ch'io solo trascini pel mondo
la mia torturata vecchiezza?
Aiuto! Non c'è voce umana
che muova il tuo cuore feroce?

LIÙ
Signore, ascolta!
Ah, signore, ascolta!
Liù non regge più,
si spezza il cuor!
Ahimè, ahimè, quanto cammino
col tuo nome nell'anima,
col nome tuo sulle labbra!
Ma se il tuo destino,
doman sarà deciso,
noi morrem sulla strada dell'esilio.
Ei perderà suo figlio...
io l'ombra d'un sorriso.
Liù non regge più!
Ah, pietà!

CALAF
Non piangere, Liù!
Se in un lontano giorno
io t'ho sorriso,
per quel sorriso,
dolce mia fanciulla,
m'ascolta: il tuo signore
sarà domani, forse, solo al mondo...
Non lo lasciare,
portalo via con te!

LIÙ
Noi morrem sulla strada dell'esilio!

TIMUR
Noi morrem!

CALAF
Dell'esilio addolcisci
a lui le strade!
Questo... questo, o mia povera Liù,
al tuo piccolo cuore che non cade
chiede colui che non sorride più.

TIMUR
Ah! Per l'ultima volta!...

LIÙ
Vinci il fascino orribile!

PING, PONG, PANG
La vita è così bella!

TIMUR
...abbi di me pietà!

LIÙ
Abbi di Liù pietà!

PING, PONG, PANG
La vita è così bella!

TIMUR
Abbi di me, di...
pietà, pietà!

LI Û
Signore, pietà!
Abbi di Liù pietà!

PING, PONG, PANG
Non perderti così!

CALAF
Son io che domando pietà!
Nessuno più ascolto...

LI Û
Signore, pietà!
Pietà di Liù!

TIMUR
Non posso staccarmi da te!

PING
Afferralo...

PING, PONG, PANG
portalo via!

CALAF
...nessuno più ascolto!

PING
Trattieni quel pazzo furente...
portalo via!

PONG, PANG
Su, porta via quel pazzo!

LI Û
Pietà!

CALAF
Io vedo il suo fulgido volto!
La vedo!

TIMUR
Non voglio staccarmi da te!
Pietà!

PING, PONG, PANG
Su, portalo via quel pazzo!

CALAF
Mi chiama! Essa è là!

TIMUR
Pietà! Mi getto ai tuoi piedi gemente!

PING, PONG, PANG
Trattieni quel pazzo furente!

LI Û
Pietà!

CALAF
Il tuo perdono chiede colui...

LI Û
Signore, pietà, pietà!

TIMUR
Abbi pietà! Abbi pietà!

PING, PONG, PANG
Folle tu sei! Folle tu sei!

CALAF
... che non sorride più!

LI Û
Pietà, signore!

TIMUR
Non voler la mia morte!

PING, PONG, PANG
La vita è bella!

PING
Su, un ultimo sforzo,
portiamolo via!

PING, PONG, PANG
Portiamolo via, portiamolo via!

CALAF
Lasciatemi...
...ho troppo sofferto!

TIMUR
Tu passi su un povero cuore...

PING, PONG, PANG
Il volto che vede è illusione!

CALAF
La gloria m'aspetta laggiù!

TIMUR
...che sanguina invano per te!

PING, PONG, PANG
La luce che splende è funesta!

CALAF
Forza umana con c'è che mi trattenga!

LI Û
Pietà!

TIMUR
Nessuno ha mai vinto, nessuno!

PING
Tu giochi la tua perdizione!

PONG, PANG
È illusione funesta!

CALAF
Io segue la mia sorte!

LI Û
Pietà di noi!

TIMUR
Su tutti la spada piombò!

PING, PONG, PANG
Tu giochi la testa!

CALAF
Son tutto una febbre, son tutto un delirio!

LI Û
Se questo suo strazio non basta, signore...

PING, PONG, PANG
La morte, c'è l'ombra del boia...

A MULTIDÃO
La fossa già scaviam per te...

CALAF
Ogni senso è un martirio feroce!

LI Û
...noi siamo perduti! Con te!

PING, PONG, PANG
...c'è l'ombra del boia laggiù!

A MULTIDÃO
...che vuoi sfidar l'amor!

LI Û
Ah! fuggiamo...

TIMUR
Mi getto ai tuoi piedi!

PING, PONG, PANG
Tu corri...

A MULTIDÃO
Nel buio...

CALAF
Ogni fibra dell'anima ha una voce che
grida:...

LI Û
...signore, ah, fuggiamo!

TIMUR
Non voler la mia morte!

PING, PONG, PANG
...alla rovina! La vita non giocare!

A MULTIDÃO
...c'è segnato, ahimè, il tuo crudel destin!

CALAF
...Turandot!

LI Û, TIMUR, PING, PONG, PANG
La morte!

A MULTIDÃO
Ah!

CALAF
Turandot!

LI Û, TIMUR, PING, PONG, PANG
La morte!

A MULTIDÃO
Ah!

CALAF
Turandot!

LI Û, TIMUR, PING, PONG, PANG
La morte!

A MULTIDÃO
Ah!

(CALAF martela o gongo três vèzes)

PING, PONG, PANG
È lasciamolo andar!
Inutile è gridar...

A MULTIDÃO
La fossa già scaviam per te...

PING, PONG, PANG
...in sanscrito, in cinesi, in lingua
mongola!
Quando rangola il gong la morte gongola!

A MULTIDÃO
...che vuoi sfidar l'amor!

PING, PONG, PANG
Ah! ah, ah, ah!

L A D O 3

ATO II

Cena 1

Um pavilhão formado por vasta cortina decorada com figuras simbólicas chinesas

PING
Olà, Pang! Olà, Pang!
Poiché il funesto gong
desta la reggia e desta la città,
siam pronti ad ogni evento:
se lo straniero vince, per le nozze,
e s'egli perde, pel seppellimento.

PONG
Io preparo le nozze...

PANG
...ed io le esequie...

PONG
...le rosse lanterne di festa...

PANG
...le bianche lanterne di lutto...

PONG
...gli incensi e le offerte...

PANG
...gli incensi e le offerte...

PONG
...monete di carta dorate...

PANG
...thè, zucchero, noci moscate!...

PONG
...il bel palanchino scarlatto...

PANG
...il feretro, grande, ben fatto...

PONG
...i bonzi che cantano...

PANG
...i bonzi che gemono...

PONG, PANG
...e tutto quanto il resto,
secondo vuole il rito...

PANG
...minuzioso...

PONG
...minuzioso...

PONG, PANG
...infinito!

PING
O China, O China,
che or sussulti e trasecoli
inquieta,
come dormivi lieta,
gonfia dei tuoi settantamila secoli!

PING, PONG, PANG
Tutto andava secondo
l'antichissima regola del mondo.

PANG
Poi nacque...

PONG
Poi nacque...

PING
Poi nacque...

PING, PONG, PANG
...Turandot!

PING
E sono anni che le nostre feste
si riducono a gioie come queste:...

PONG
...tre battute di gong...

PANG
...tre indovinelli...

PING
...e giù teste!

PONG
E giù teste!

PING
E giù teste!

PANG
L'anno del Topo furon sei.

PONG
L'anno del Cane furon otto.

PANG
Nell'anno in corso, il terribile...

PING
Nell'anno in corso, il terribile anno della
Tigre...

PONG
...il terribile anno della Tigre, siamo
già...

PANG
...anno della Tigre, siamo già...

PING
...siamo già...

PONG, PANG
...siamo già al...

PING
...al tredicesimo...

PONG, PANG
...tredicesimo,
con quello che va sotto!

PING
Che lavoro!

PANG
Che lavoro!

PONG
Che noia!

PING
Che lavoro!

PANG
Che lavoro!

PONG
Che noia!

PING, PONG, PANG
A che siamo mai ridotti?
I ministri siam del boia!
Ministri del boia!

PING
Ho una casa nell'Honan
con il suo laghetto blù,
tutto cinto di bambù.
E sto qui a dissiparmi la mia vita,
a stillarmi il cervel sui libri sacri...

PONG, PANG
...sui libri sacri!

PING
...sui libri sacri!
E potrei tornar laggiù...

PANG
Tornar laggiù!

PONG
Tornar laggiù!

PING
...presso il mio laghetto blù...

PANG
Tornar laggiù!

PONG
Tornar laggiù!

PING
...tutto cinto di bambù!

PONG
Ho foreste, presso Tsiang...
...che più belle non ce n'è...

PANG
Ho un giardino, presso Kiù, che lasciai...

PONG
...che non hanno ombra per me.

PANG
...per venir qui...

PING
E potrei tornar laggiù...

PONG
Ho foreste...

PANG
...e che non rivedrò...

PING
...presso mio laghetto blù!

PONG
...che più belle non ce n'è!

PANG
...non rivedrò mai più, mai più!

PING
Tutto cinto di bambù!
E stiam qui...

PONG
Stiam qui!

PANG
Stiam qui!

PING
...a stillarci il cervel...

PING, PONG, PANG
...sui libri sacri!

PONG
E potrei tornare a Tsiang...

PING
E potrei tornar laggiù...

PANG
E potrei tornare a Kiù!

PING
...a godermi il lago blù!

PONG
Tsiang!

PANG
Kiù!

PING
Honan...
...tutto cinto di bambù!

PONG
E potrei tornare a Tsiang!

PANG
E potrei tornare a Kiù!

PING
O mondo...

PONG
O mondo...

PANG
O mondo...

PING, PONG, PANG
...pieno di pazzi innamorati!

PONG
Ne abbiám...

PANG
Ne abbiám...

PONG, PANG
...ne abbiám visti arrivar
degli aspiranti!

PING
O quanti!

PONG
O quanti!

PING
Ne abbiám, etc.

PANG
O quanti, quanti!

PONG
O quanti!

PING
O mondo pieno di pazzi innamorati!
Vi ricordate il principe
regal di Samarcanda?
Fece la sua domanda,
e lei con quale gioia
gli mandò il boia!

A MULTIDÃO
(nos bastidores)
Ungi, arrota,
che la lama guizzi e sprizzi...

PING
Il boia!

A MULTIDÃO
...che la lama guizzi e sprizzi...
...fuoco e sangue!

PONG
E l'Indiano gemmato Sagarika...
...cogli orecchini come campanelli?
Amore chiese, fu decapitato!

PANG
Ed il Birmano?

PONG
E il prence dei Kirghisi?

PONG, PANG
Uccisi! Uccisi! Uccisi! Uccisi!

PING
E il Tartaro dall'arco di sei cubiti...

A MULTIDÃO
(*nos bastidores*)
Ungi, arrotta...
...che la lama sprizzi sangue!

PING
...di ricche pelli cinto?

A MULTIDÃO
Dove regna Turandot... il lavoro...

PONG
Estinto!

PANG
Estinto!

A MULTIDÃO
...mai non langue!

PING
E decapita!

PANG
Uccidi... estingui! Uccidi! Estingui!
Ammazza!

PING
Uccidi! Uccidi! Uccidi! Ammazza!

PONG
Ammazza! Ammazza! Ammaza!

A MULTIDÃO
Ungi, arrotta, che la lama sprizzi sangue!

PING, PONG, PANG
Addio, amore, addio, razza!
Addio, stirpe divina!
Addio, etc.
E finisce la China!
Addio, etc.

PING
O tigre! o tigre!

PING, PONG
O grande maresciallo del cielo...

PING, PONG, PANG
...fa che giunga la gran notte attesa,
l'anotte della resa!

PING
Il talamo le voglio preparare!

PONG
Sprimaccerò per lei le molli piume.

PANG
Io l'alcova le voglio profumare.

PING
Gli sposi guiderò reggendo il lume.

PING, PONG, PANG
Poi tutt'e tre in giardino
noi canterem...

PONG
...d'amor fino al mattino...

PING
...così:

PANG
...così:

PING, PONG, PANG
Non v'è China per nostra fortuna
donna più che rinneghi l'amor!
Una sola ce n'era e quest'una
che fu ghiaccio,
ora è vampa ed ardor!
Principessa, il tuo impero si stende
dal Tse-Kiang all'immenso Jang-Tsè!

PING
(PONG e PANG *murmuram um
acompanhamento.*)
Ma là, dentro alle soffici tende,
c'è uno sposo che impera su te!

PING, PONG, PANG
Tu dei baci già senti l'aroma,
già sei doma, sei tutta languor!

PONG, PANG
Gloria alla notte segreta
che il prodigio ora vede compir!

PING, PANG
Gloria, gloria alla notte segreta!

PONG
Alla gialla coperta di seta...
... testimone dei dolci sospir!

PING, PONG, PANG
Nel giardin sussurran le cose
e tintinnan campanule d'or...
Si sospiran parole amorose...

PING
...di rugiada s'imperlano i fior!

PING, PONG, PANG
Gloria, gloria al bel corpo discinto
che il mistero ignorato ora sa!
Gloria all'ebbrezza e all'amore che ha vinto
e alla China la pace ridà,
alla China la pace ridà,
la pace ridà!

(*O ruído de pessoas andando dentro do pa-
lácio traz os três MINISTROS de volta à triste
realidade.*)

PING
Noi si sogna e il palazzo già formicola
di lanterne, di servi e di soldati.
Udite il gran tamburo
del tempio Verde!
Già stridon le infinite
ciabatte di Pekino.

PONG
Udite trombe! Altro che pace!

PANG
Ha inizio la cerimonia.

PING, PONG, PANG
Andiamo a goderci
l'ennesimo supplizio!

Cena 2: Uma enorme praça diante do Palácio

*No centro, enorme escadaria de mármore com
três amplos patamares. Criados colocam
lanternas*

A MULTIDÃO
Gravi, enormi ed imponenti
col mister dei chiusi enigni
già s'avanzano i sapienti,
col mister dei chiusi enigmi
già s'avanzano i sapienti.
Ecco Ping! Ecco Pong! Ecco Pang!

A MULTIDÃO
Diecimila anni al nostro Imperatore!
Gloria a te!

EMPERADOR
Un giuramento atroce mi costringe
a tener fede al fosco patto.
E il santo scettro ch'io stringo
gronda di sangue.
Basta sangue! Giovine, va'!

CALAF
Figlio del Cielo, io chiedo
d'affrontar la prova!

EMPERADOR
Fa ch'io possa morir senza portare
il peso della tua giovine vita!

CALAF
Figlio del Cielo, io chiedo
d'affrontar la prova!

EMPERADOR
Non voler, non voler che s'empia ancor
d'orror la Reggia, il mondo.

CALAF
Figlio del Cielo, io chiedo
d'affrontar la prova!

EMPERADOR
Straniero, ebbro di morte! E sia!
Si compia il tuo destino!

(*Aparecem, em fila, na escada, as aias de
TURANDOT.*)

A MULTIDÃO
Diecimila anni al nostro Imperatore!
(*O MANDARIM avança, com o decreto.*)

MANDARIM
Popolo di Pekino!
La legge è questa: Turandot, la Pura,
sposa sarà di chi, di sangue regio,
spieghi gli enigmi ch'ella proporrà.
Ma chi affronta il cimento e vinto resta
porga alla scure la superba testa!

MENINOS
(*nos bastidores*)
Dal deserto al mar non odi
mille voci sospirar:
Principessa, scendi a me!
Tutto splenderà, splenderà, splenderà!

L A D O 4

(*TURANDOT avança para o trono. E' muito
bela e está vestida de ouro. Olha friamente
para o PRINCIPE.*)

TURANDOT
In questa Reggia, or son mill'anni e mille,
un grido disperato risonò.
E quel grido, traverso stirpe e stirpe
qui nell'anima mia si rifugiò!
Principessa Lo-u-Ling,
ava dolce e serena che regnavi
nel tuo cupo silenzio in gioia pura,
e sfidasti inflessibile e sicura
l'aspro dominio,
oggi rivivi in me!

A MULTIDÃO
Fu quando il Re dei Tartari
le sette sue bandiere dispiegò.

TURANDOT
Pure nel tempo che ciascun ricorda,
fu sgomento e terrore e rombo d'armi.
Il regno vinto! Il regno vinto!
E Lo-u-Ling, la mia ava, trascinata
de un uom come te, come te
straniero, là nella notte atroce
dove si spense la sua fresca voce!

A MULTIDÃO
Da secoli ella dorme
nella sua tomba enorme.

TURANDOT
O Principi, che alunghe carovane
d'ogni parte del mondo
qui venite a gettar la vostra sorte,
io vendico su voi, su voi
quella purezza, quel grido e quella morte!
Quel grido e quella morte!
Mai nessun m'avrà!
Mai nessun, nessun m'avrà!
L'orror di chi l'uccide
vivo nel cuor mi sta.
No, no! Mai nessun m'avrà!
Ah, rinasce in me l'orgoglio
di tanta purità!
Straniero! Non tentar la fortuna!
Gli enigmi sono tre, la morte una!

CALAF
No, no! Gli enigmi sono tre,
una la vita!

TURANDOT
No, no!...
Gli enigmi sono tre, la morte è una!

CALAF
Gli enigmi sono tre, una è la vita!

A MULTIDÃO
Al Principe straniero
offri la prova ardità,
o Turandot! Turandot!

TURANDOT
Straniero, ascolta:
"Nella cupa notte vola un fantasma
iridescente.
Sale e spiega l'ale
sulla nera infinita umanità.
Tutto il mondo l'invoca
e tutto il mondo l'implora.
Ma il fantasma sparisce coll'aurora
per rinascere nel cuore.
Ed ogni notte nasce
ed ogni giorno muore!"

CALAF
Sì! Rinasce! Rinasce!
E in esultanza
mi porta via con sè,
Turandot: "la speranza"!

SÁBIOS
(*desenrolando o primeiro papiro*)

La speranza! La speranza! La speranza!

TURANDOT
Sì, la speranza che delude sempre!
(*Desce os degraus e pára no meio da
escadaria.*)

"Guizza al pari di fiamma,
e non è fiamma.
È talvolta delirio.
È febbre d'impeto e ardore!
L'inerzia lo tramuta in un languore.
Se ti perdi o trapassi, si raffredda.
Se sogni la conquista, avvampa, avvampa!
Ha una voce che trepido tu ascolti,
e del tramonto il vivido baglior!"

IMPERADOR
Non perderti, straniero!

A MULTIDÃO
È per la vita! Parla!
Non perderti, straniero! Parla!
Parla! Parla! Parla!

LIÙ
È per l'amore!

CALAF
Sì, Principessa!
Avvampa e insieme langue,
se tu mi guardi, nelle vene:
"il sangue!"

SÁBIOS
Il sangue! Il sangue! Il sangue!

A MULTIDÃO
Coraggio, scioglitore degli enigmi!

TURANDOT
(*aos guardas, apontando para a multidão*)
Percuotete quei vili!
(*Desce até o fim da escadaria. O PRÍNCIPE
se ajoelha.*)

"Gelo che ti dà foco
e dal tuo foco
più gelo prende!
Candida ed oscura!
Se libero ti vuol
ti fa più servo.
Se per servo t'accetta,
ti fa Re!"
Su, straniero, ti sbianca la paura!
E ti senti perduto!
Su, straniero, il gelo che dà foco,
che cos'è?"

CALAF
(*levantando-se*)
La mia vittoria
ormai t'ha data a me!
Il mio fuoco ti sgela:
"Turandot"!

SÁBIOS
Turandot! Turandot! Turandot!

A MULTIDÃO
Turandot! Turandot!
Gloria, gloria, o vincitore!
Ti sorrida la vita!
Ti sorrida l'amor!
Diecimila anni al nostro Imperatore!
Luce, Re di tutto il mondo!

TURANDOT
(*que, transtornada, voltou para o tópo da
escadaria*)

Figlio del Cielo! Padre augusto! No!
Non gettar tua figlia
nelle braccia dello straniero!

IMPERADOR
È sacro il giuramento!

TURANDOT
No, non dire! Tua figlia è sacra!
Non puoi donarmi a lui,
a lui come una schiava.
Ah, no! Tua figlia è sacra!
Non puoi donarmi a lui
come una schiava morrente di vergogna!

(*ao PRÍNCIPE*)
Non guardarmi così!
Tu che irridi al mio orgoglio,

non guardarmi così!
Non sarò tua!
No, no, non sarò tua!
Non voglio, non voglio!
No, no, non sarò tua!

IMPERADOR
È sacro il giuramento!

A MULTIDÃO
È sacro il giuramento!

TURANDOT
No, non guardarmi così,
non sarò tua!

A MULTIDÃO
Ha vinto, Principessa!
Offri per te la vita!

TURANDOT
Mai nessun m'avrà!

A MULTIDÃO
Sia premio al suo ardimento!
Offri per te la vita!
È sacro il giuramento!

TURANDOT
(*ao PRÍNCIPE*)
Mi vuoi nelle tue braccia a forza,
riluttante, fremente?

A MULTIDÃO
È sacro, è sacro, è sacro il giuramento,
è sacro!

CALAF
No, no, Principessa altera.
Ti voglio tutta ardente d'amor!

A MULTIDÃO
Coraggioso! Audace!
Coraggioso! O forte!

CALAF
Tre enigmi m'hai proposto,
e tre ne sciolsi.
Uno soltanto a te ne proporrò:
il mio nome non sai.
Dimmi il mio nome.
Dimmi il mio nome.
prima dell'alba,
e all'alba morirò!
(*TURANDOT anui com a cabeça.*)

IMPERADOR
Il cielo voglia che col primo sole
mio figliolo tu sia!

(*A assembléa se ergue; o PRÍNCIPE sobe os
degraus.*)

A MULTIDÃO
Ai tuoi piedi ci prostriam,
Luce, Re di tutto il mondo!
Per la tua saggezza, per la tua bontà

ci doniamo a te, lieti in umiltà,
a te salga il nostro amor!
Diecimila anni al nostro Imperatore!
A te, erede di Hien-Wang
noi gridiam:
Diecimila anni al nostro Imperatore!
Alte, alte le bandiere!
Gloria a te! Gloria a te!

L A D O 5

ATO III

Cena 1: O jardim do Palácio

*E' noite, à direita cinco degraus levam a um
pavilhão, pròdigamente acortinado. Parando
nos degraus, CALAF escuta as vozes distantes
dos ARAUTOS proclamando os éditos reais
pela cidade.*

ARAUTOS
Così comanda Turandot:
"Questa notte nessun dorma in Pekino!"

VOZES DISTANTES
Nessun dorma! Nessun dorma!

ARAUTOS
"Pena la morte, il nome dell'Ignoto
sia rivelato prima dell mattino!"

VOZES DISTANTES
Pena la morte! Pena la morte!

ARAUTOS
"Questa notte nessun dorma in Pekino!"

VOZES DISTANTES
Nessun dorma! Nessun dorma!

CALAF
Nessun dorma! Nessun dorma!
Tu pure, o Principessa,
nella tua fredda stanza
guardi le stelle che tremano
d'amore e di speranza!
Ma il mio mistero è chiuso in me,
il nome mio nessun saprà!
No, no, sulla tua bocca lo dirò,
quando la luce splenderà!
Ed il mio bacio scioglierà
il silenzio che ti fa mia!

VOZES DE MULHERES
(*distantes*)
Il nome suo nessun saprà...
E noi dovrem, ahimè, morir! Morir!

CALAF
Dilegua, o notte!
Tramontate, stelle!
Tramontate, stelle!
All'alba vincerò!
Vincerò! Vincerò!
(*Na escuridão vultos, encabeçados pelos três
MINISTROS, aparecem entre os arbustos.*)
PING
Tu che guardi le stelle,
abbassa gli occhi, abbassa gli occhi!
PONG
La nostra vita è in tuo potere!
PANG
La nostra vita!
PING
Udisti il bando?
Per le vie di Pekino
ad ogni porta batte la morte
e grida: il nome!
PONG
Il nome!
PONG, PANG
Il nome!
PING, PONG, PANG
O sangue!
CALAF
Che volete da me?
PING
Di' tu che vuoi! Di' tu che vuoi!
PONG
Di' tu che vuoi!
PING
È l'amore che cerchi?
PANG
Di' tu che vuoi!
PING
Di' tu che vuoi!
(*CALAF mantém-se obstinadamente mudo.*)
Ebbene, prendi!
(*Empurra em direção do PRÍNCIPE um grupo
de lindas mocinhas, brejeiras e de trajés
vaporosos.*)
Guarda, son belle,
son belle pra lucenti veli!
PONG, PANG
Corpi flessuosi...
PING
Tutte ebbrezze e promesse
d'amplessi prodigiosi!
MULHERES
(*rodeando o PRÍNCIPE*)
Ah, ah! Ah, ah! Ah, ah! Ah, ah!

CALAF
No! No!
PONG, PANG
Che vuoi?
PING, PONG, PANG
Ricchezze Tutti i tesori a te!
A te!... A te!... A te!...
(*A um sinal de PING, cestas, arcas e sacos
de ouro e jóias são trazidos.*)
PING
Rompon la notte nera...
PONG
Fuochi azzurri!
PING
...queste fulgide gemme!
PANG
Verdi splendori!
PONG
Pallidi giacinti!
PANG
Le vampe rosse dei rubini!
PING
Sono gocciole d'astri!
PONG, PANG
Fuochi azzurri!
PING
Prendi! È tutto tuo!
PONG, PANG
Vampe rosse!
CALAF
No! Nessuna ricchezza! No!
PING, PONG, PANG
Vuoi la gloria?
Noi ti farem fuggir...
PONG, PANG
...e andrai lontano con le stelle
verso imperi favolosi!
A MULTIDÃO
Fuggi! Fuggi!
(*Mulheres*)
Va' lontano, va' lontano!
(*Todos*)
Fuggi, va' lontano, va'! Va'!, etc.
(*Homens*)
Va' lontano!
(*Todos*)
Fuggi! Fuggi! Va' lontano,
e noi tutti ci salviam!

CALAF
Alba, vieni!
Quest'incubo dissolvi!
PING
Straniero, tu non sai, tu non sai
di che cosa è capace la crudele.
PING, PONG, PANG
Tu non sai...
PONG, PANG
...quali orrendi martiri...
PING
Tu non sai! Tu non sai!
PONG, PANG
...la China inventi.
Se tu rimani e non ci sveli...
PONG, PANG, OUTRAS PESSOAS
...il nome siam perduti...
PING, OUTRAS PESSOAS
L'insonne non perdona!
Noi siam perduti!
Sarà martirio orrendo!
PING, PANG, PONG, ALGUNS HOMENS
I ferri aguzzi! L'irte ruote!
OUTRAS PESSOAS
Sarà martirio orrendo!
PING, ALGUNS HOMENS
Il caldo morso delle tanaglie!
PONG, PANG, OUTROS
La morte a sorso a sorso!
PING, A MULTIDÃO
La morte a sorso a sorso!
PONG, PANG
Non farci morire!
TODOS
Non farci morire, no, non farci morir!
CALAF
Inutili preghiere! Inutili minacce!
Crollasse il mondo, voglio Turandot!
A MULTIDÃO
(*ameaçando o PRÍNCIPE com punhais.*)
Non l'avrai! No, non l'avrai!
Morrai prima di noi!
Tu maledetto!
Morrai prima di noi,
tu, spietato, crudele!
Parla, il nome, il nome, il nome!
Parla, parla, parla!
Il nome, il nome!
SOLDADOS
(*nos bastidores*)
Eccolo il nome! È qua! È qua!
Eccolo il nome! È qua! È qua!

CALAF
Costor non sanno!
Ignorano il mio nome!
PING
Sono il vecchio e la giovane
che ier sera parlavano con te!
CALAF
Lasciateli!
PING
Conoscono il segreto!
(*aos soldados*)
Dove li avete colti?
SOLDADOS
Mentre erravano là, presso le mura!
PING, PONG, PANG
Principessa!
TODOS
Principessa!
(*TURANDOT aparece. Todos se prostram no
chão. Sòmente PING se adianta para ela com
grande humildade.*)
PING
Principessa divina! Il nome
dell'ignoto sta chiuso
in queste bocche silenti.
E abbiamo ferri per schiodar quei denti
e uncini abbiamo per strappar quel nome!
TURANDOT
Sei pallido, straniero!
CALAF
Il tuo sgomento
vede il pallor dell'alba
sul mio volto.
Costor non mi conoscono!
TURANDOT
Vedremo!
Su, parla, vecchio!
Io voglio ch'egli parli!
Il nome!
(*Agarram TIMUR novamente — LIÛ corre
para TURANDOT.*)
LIÛ
Il nome che cercate io sola so!
A MULTIDÃO
La vita è salva,
l'incubo svani!
CALAF
Tu non sai nulla, schiava!
LIÛ
Io so il suo nome...
M'è suprema delizia
tenerlo segreto
e possederlo io sola!

A MULTIDÃO
Sia legata! Sia straziata!
Perchè parli! Perchè muoia!

CALAF
(colocando-se à frente de LIÛ)
Sconterete le sue lagrime!
Sconterete i suoi tormenti!

TURANDOT
(aos soldados)
Tenetelo!

(Um soldado amarra os pés do PRÍNCIPE e dois outros seguram-lhe os braços.)

LIÛ
Signor, non parlerò!

PING
Quel nome!

LIÛ
No!

PING
Quel nome!

LIÛ
La tua serva chiede perdono,
ma obbedir non può!
(Um soldado lhe torce o pulso.)
Ah!

TIMUR
Perchè gridi?

CALAF
Lasciatela!

LIÛ
No... No... no grido più!
Non mi fan male!
No, nessun mi tocca.
(aos soldados)
Stringete... ma chiudetemi la bocca
ch'ei non mi senta!
(Desfalece.)
Non resisto più!

A MULTIDÃO
Parla! Il suo nome!

TURANDOT
(aos soldados)
Sia lasciata!
(a LIÛ)
Parla!

LIÛ
Piuttosto morirò!

TURANDOT
Chi pose tanta forza nel tuo cuore?

LIÛ
Principessa, l'amore!

TURANDOT
L'amore?

LIÛ
Tanto amore segreto, a inconfessato,
grande così che questi strazi
son dolcezze per me
perchè ne faccio dono
al mio Signore...
Perchè, tacendo, io gli do,
gli do il tuo amore...
Te gli do, Principessa,
e perdo tutto! E perdo tutto!
Persino l'impossibile speranza!
Legatemi! Straziatemi!
Tormenti e spasimi date a me!
Ah! Come offerta suprema
del mio amore!

TURANDOT
Strappatele il segreto!

PING
Chiamate Pu-Tin-Pao!

CALAF
No! Maledetto! Maledetto!

A MULTIDÃO
Il boia! Il boia! Il boia!

PING
Sia messa alla tortura!

A MULTIDÃO
Alla tortura! Sì, il boia!
Parli! Alla tortura!
(Aparece o CARRASCO — LIÛ procura em vão passar pela turba.)

LIÛ
Più non resisto!
Ho paura di me!
Lasciatemi passare!
Lasciatemi passare!

A MULTIDÃO
Parla! Parla!

LIÛ
Sì, Principessa, ascoltami!
Tu che di gel sei cinta,
da tanta fiamma vinta,
l'amerai anche tu!
Prima di questa aurora,

io chiudo stanca gli occhi
perchè egli vinca ancora...
Per non... per non vederlo più!
Prima di questa aurora,
io chiudo stanca gli occhi,
per non vederlo più!

(Arrebata de um soldado um punhal e o crava em si mesma.)

A MULTIDÃO
Parla! Parla!
Il nome! Il nome!

(LIÛ cambaleia em direção do PRÍNCIPE e cai morta a seus pés.)

CALAF
Ah! Tu sei morta, tu sei morta,
o mia piccola Liù!

TIMUR
(ajoelhando-se junto ao corpo de LIÛ)
Liù! Liù! Sorgi! Sorgi!
È l'ora chiara d'ogni risveglio!
È l'alba, o mia Liù...
Apri gli occhi, colomba!

PING
Alzati, vecchio! È morta!

TIMUR
Ah! Delitto orrendo!
L'espieremo tutti!
L'anima offesa,
l'anima offesa si vendicherà!

A MULTIDÃO
Ombra dolente, non farci del male!
Ombra sdegnosa, perdona, perdona!
Ombra dolente, etc.

TIMUR
Liù... bontà! Liù... dolcezza!
(Levantam o corpo de LIÛ e o carregam. TIMUR os acompanha, segurando a mão da morta.)
Ah! Camminiamo insieme un'altra volta
così, con la tua man nella mia mano!
Dove vai ben so. Ed io ti seguirò
per posare a te vicino
nella notte che non ha mattino!

PING
Ah! per la prima volta...

PONG
Svegliato s'è qui dentro...

PANG
Quella fanciulla spenta...

PING
...al vedere la morte non sogghigno!

PONG
...il vecchio ordigno, il cuore, e mi tormenta!

PANG
...pesa sopra il mio cuor come un macigno!

A MULTIDÃO
(lentamente acompanhando TIMUR e os que carregam o corpo de LIÛ)
(Mulheres)
Liù, bontà, perdona, perdona!
(Todos)
Liù, bontà, Liù, dolcezza,
dormi! Oblia!
Liù! Poesia!
(O PRÍNCIPE e TURANDOT ficam a sós, frente a frente. TURANDOT está imóvel, o rosto coberto por um véu.)

L A D O 6

CALAF
Principessa di morte!
Principessa di gelo!
Dal tuo tragico cielo
scendi giù sulla terra!
Ah! Solleva quel velo!
Guarda, guarda, crudele,
quel purissimo sangue
che fu sparso per te!
(Avança para ela e lhe rasga o véu.)

TURANDOT
Che mai osi, straniero!
Cosa umana non sono.
Son la figlia del Cielo
libera e pura. Tu
stringi il mio freddo velo
ma l'anima è lassù!

CALAF
La tua anima è in alto,
ma il tuo corpo è vicino!
Con le mani brucianti
stringerò il lembi d'oro
del tuo manto stellato.
La mia bocca fremente
premerò su di te...

TURANDOT
Non profanarmi!

